



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Março de 2012, nº 149



 Mirella Faur

ANTIGAS CRENÇAS DA CHINA



As primeiras civilizações chinesas, definidas por uma sucessão de dinastias, começando em 1.500 a.C., assim como suas mitologias, não tinham a estrutura e a hierarquia que mais tarde lhes foram impostas. No leste da China existiam muitas tribos nativas cujas tradições foram incorporadas nas religiões posteriores; nestas etnias, as xamãs (wu ou mu) eram responsáveis por mediar o mundo humano e os outros reinos. Mesmo que não tenham sobrevivido na história, elas permaneceram como uma força espiritual e cultural potente, preservadas em mais de 100 mil danças (mudang), que evocam os antigos mistérios. Estes arquétipos femininos eram associados às figuras das deusas, mas que depois foram adaptadas para figuras masculinas, pois a filosofia chinesa via a força feminina como sendo passiva. É do período mais antigo que se

originou a maioria dos mitos e lendas chinesas, transmitida durante milênios por via oral, dramatizada no teatro e na música, antes de ser registrada e ilustrada em livros.

Os mitos sobre a criação apareceram mais tarde, depois do estabelecimento do confucionismo e taoísmo, citando como Criadores ora Pangu (uma divindade com corpo humano e cabeça de cachorro), ora a deusa Nu Wa (ou Nu Kwa) e até mesmo o “Imperador do Jade”. A humanidade não existia antes da separação do céu e da terra e os seres humanos foram criados de argila amarela pela deusa ancestral Nu Kwa, que também emendou o céu depois da brecha nele aberta pela luta dos deuses da água e do fogo. Como o deus da água foi vencido, enraivecido, ele bateu com a cabeça contra uma grande montanha que desmoronou, levando consigo o pilar que separava o céu da terra. Terríveis catástrofes seguiram: inundações, dilúvios, incêndios e ataques dos animais selvagens, que matavam sem parar os seres humanos. Entristecida com o sofrimento da humanidade por ela criada, Nu Kwa derreteu várias pedras coloridas e com a mistura resultante remendou o céu; depois usou uma tartaruga para sustentar a abóbada celeste apoiando-a com suas quatro patas. Ela também usou cinzas de madeira para parar as inundações, encarregou um dragão para impedir as matanças dos homens pelos animais e auxiliou as pessoas a reconstruírem suas vidas. A única marca que ficou deste cataclismo foi a inclinação do céu para noroeste e da Terra para sudeste, o que determinou a rota dos planetas e das estrelas indo para oeste e os rios correndo para leste.

A cosmologia chinesa é extremamente complexa e plena de intrincadas hierarquias: celestes, telúricas e intratelúricas. Além do Governante supremo - o Céu - que governava todas as forças celestes, telúricas e intratelúricas, existiam as inúmeras hierarquias dos Poderes e Espíritos, com subclasses de deuses menores que controlavam fenômenos naturais, lugares, cidades e os diversos aspectos da vida natural e humana.

O momento da morte era decidido pelo Céu e a alma julgada de acordo com o “Livro do Destino”, que guardava os registros de todos os atos de vidas passadas. Existia uma imensa “população” de fantasmas, espíritos errantes e demônios, de fadas e divindades da natureza, que interagiam com as duas almas do ser humano: uma alma inferior com perfil animal (criada no momento da concepção) e a superior, a essência espiritual que entrava no corpo no momento do nascimento.

A alma animal seguia o corpo após sua morte e era nutrida pelos ritos dos descendentes, desaparecendo após sua desintegração. A espiritual podia ser atacada pelos espíritos malignos, mas se escapasse, ascendia aos palácios celestes, onde era sustentada pelas oferendas dos descendentes e em troca ela os ajudava e defendia.

Durante o sono, a alma superior se afasta do corpo e das suas andanças resultam os sonhos, mas também pode ser capturada ou atacada pelos espíritos malignos ocasionando os pesadelos. A astrologia, geomancia e a adivinhação têm como propósito descobrir e afastar as influências negativas e os espíritos maléficos do meio ambiente e proteger assim as casas, os lugares e seus habitantes.

Deusas da cosmologia chinesa



Além de um número imenso de deuses, imperadores, fantasmas, espíritos, seres imortais e animais míticos diversos, também se encontram na cosmologia chinesa arquétipos divinos femininos, responsáveis por diversas atividades. Podemos citar algumas como:

Bixia Yuan Jin, responsável pelos nascimentos, destino e aurora, eventos entrelaçados por representarem o início do novo; Chang O, deusa lunar e guardiã das mulheres; Chien Ti, Mãe ancestral; Chih Ni, a tecelã celeste, regente da estrela Alfa da constelação da Lira; Chih Nu, deusa



da terra; Dou Mu, a guardiã dos registros de vida e morte dos seres humanos; Feng PoPo, anciã cavalcando um tigre e governando os ventos; Gong De Tian, a deusa da sorte (semelhante à hindu Lakshmi); Kamui Fuci, antiga deusa da lareira; He Xian-gu ou Ho Hsien- Ku, a única mulher entre os “Oito Imortais”; Heng O, deusa lunar, símbolo do escuro e frio princípio Yin; Hsi-Ho, a mãe dos dez sois; Hu Tu, deusa da terra e da abundância; Hsi Wang Mu, a guardiã dos pêssegos da imortalidade; K'um, a Mãe Terra ancestral, “a receptiva”, que nutre todos os seres e que a ela retornam; Lei Tzi, deusa do trovão e Lo Shen, dos rios; Lady Meng, que dá o caldo do esquecimento para as almas antes de uma nova encarnação; Sien Tsang, a padroeira da seda; Tian Hou, a Imperatriz celeste, protetora dos pescadores; Tian Mu, a mãe do relâmpago; Toyo-Uke, deusa solar precursora de Amaterasu; Tsi-Ku, a “Senhora púrpura” conhecedora do futuro; Yaoji, a “Senhora florescente da magia das nuvens”.

As deusas mais populares e cultuadas são Kwan Yin, a deusa da compaixão, a mais amada das divindades do antigo budismo tibetano, que representa o equilíbrio do yin-yang, a dança dos opostos que traz a paz, e Nu Kwa, a Criadora, detentora da fertilidade humana, representada como um dragão segurando um compasso, símbolo da terra. Na antiga China, o imperador se prosternava perante cinco montículos de terra representando as quatro direções cardeais e o centro e fazia oferendas para a Terra.

A diversidade e complexidade de crenças e histórias do folclore chinês impedem uma melhor classificação e organização. Alguns elementos são oriundos dos períodos antigos como: conceitos de yin/yang, geomancia, divinação, práticas xamânicas, rituais com transe e danças, medicina popular, fitoterapia, cultos do céu, da terra, dos grãos, da colheita e dos ancestrais. A mandala do Yin /yang - apesar da sua elaboração posterior pelo taoísmo - é oriunda do conceito básico da cultura chinesa: o equilíbrio e a integração das forças (positivas e negativas) e das polaridades (feminina/masculina, céu /terra) era a base da existência representada por um círculo dividido por uma linha curva. A manutenção do equilíbrio e da harmonia são importantes coordenadas na realização dos ritos e sacrifícios.

A divinação era fundamentada na interpretação feita pelos sacerdotes dos ideogramas, gravados sobre ossos e carapaças de tartaruga; indicavam assim os dias favoráveis para oferendas, viagens e guerras. Os sacerdotes também eram responsáveis pela pacificação do T'ien (céu) e terra (Shang Ti ou Ti), ou seja, das polaridades. O imperador considerado “Filho do Céu” realizava rituais especiais e usava trajes na cor verde e amarela para representar a fartura. Faziam-se homenagens para os espíritos dos rios e das montanhas para pedir proteção nas viagens, expedições e explorações.

Uma importante contribuição para a preservação do folclore chinês foi o taoísmo, oposto ao racionalismo da corrente confucionista. O culto taoista existe há mais de 2.000 anos e guarda muitas crenças populares e costumes antigos. A sua base é a busca do tao, o equilíbrio entre o indivíduo e as complexas e mutáveis forças do mundo externo, entre o mundo natural, humano e sobrenatural. Exercícios muito elaborados foram criados para corrigir os excessos dos elementos yin ou yang e era usada a divinação e a magia talismânica para reforçar ou afastar certas influências, bem como para realizar os ritos de passagem.

O calendário chinês e as lunações

O complexo calendário chinês é uma combinação do ciclo solar e lunar, tendo 12 luas e

cada lua com 28 dias, com meses extra, intercalados. Os anos são agrupados em ciclos de 12, cada um tendo o nome de um animal. Cada ano é dividido em 24 períodos de duas semanas. Os 28 dias de cada mês lunar também têm nomes. Os dias são divididos em 12 períodos de duas horas cada, com nomes de animais e características yin ou yang, sendo muito importante conhecer as influências reinantes da hora, dia, lunação, ano, antes de empreender qualquer atividade ou projeto.

Os festivais das estações são seguidos com variações locais, respeitando inúmeras e complexas recomendações e proibições, para realizar rituais de louvação das divindades, purificações, exorcismos, procissões e oferendas. Em cada lunação existiam cerimônias específicas em concordância com o nome e os atributos da Lua.

Na primeira lunação que marcava o início da primavera todo o trabalho cessava, eram feitas cerimônias e oferendas para os espíritos guardiões das moradias, os ancestrais e o deus da fortuna Tsai Chen. A dona da casa purificava cada ambiente, circulando ao redor com uma vasilha com vinagre fervendo. Eram feitos exorcismos para afastar azares e atrair boa sorte, prosperidade e saúde. Cada dia tinha um significado especial e se faziam oferendas para as estrelas; a “festa das lanternas” celebrava a longevidade e a harmonia familiar.

Na segunda lunação era homenageado o deus Sol e as divindades da terra, celebrados o aniversário de Kwan Yin, de Hsi Wang Um, de Confúcio e Lao Tse, com peregrinações para os seus templos. No final do período e na terceira lunação era realizado o “festival da primavera” (data móvel, 106 dias após o solstício de inverno), com ritos de fertilidade e oferendas no túmulo dos ancestrais, para que fosse assegurada a sua descendência.

A quarta lunação corresponde ao verão e no oitavo dia era comemorado o nascimento de Gautama; cerimônias eram feitas para os “Oito Imortais”, os santos do culto taoista. O principal festival da quinta lunação era o “festival do dragão”, em barcos, para reverenciar os espíritos das águas. Para afastar as doenças, ritos honravam os deuses da cura e do exorcismo.



A estação das chuvas marca a sexta lunação, com oferendas para Lung Wang, o rei dos dragões, homenageado com desfiles de efígies de dragões nas ruas e nos campos. Eram comemorados também os deuses do gado, dos cavalos e das artes manuais. A sétima lunação, dos “fantasmas famintos” marca o outono e sua celebração é semelhante com o Sabbat celta Samhain ou o Dia cristão dos Finados. Lâmpadas em forma de lótus são carregadas nas ruas e depois colocadas para flutuarem nos rios em pequenos barcos. A colheita é feita na oitava lunação e celebrada com encenações teatrais e festejos. O “festival da colheita”, no nono dia da nona lunação, celebra a Lua com competições de pipas.

A décima lunação abre com o “festival dos mortos” e a décima primeira, da Lua branca, marca o solstício de inverno e as oferendas para os ancestrais. A décima segunda lunação inicia os preparativos para o Novo Ano: limpeza das casas, oferendas de mel para os deuses da cozinha e os guardiões das entradas. Todas as dívidas devem ser pagas até o final deste período e as pessoas compram roupas novas.

Os festivais da vida e suas cerimônias



Os “festivais da vida”, que comemoram a transição de um estado para o outro, têm dupla significação. Uns são oriundos de antigas crenças e podem ser rejeitados atualmente como superstição, outros têm um perfil social de celebração e promovem alegria, confraternização e segurança. O uso de pôster e de dizeres sacros colados nas paredes são substitutos atuais para as orações e a expressão de esperança no futuro.

As cerimônias do nascimento invocam e reverenciam a deusa Kwan Yin, mas por ser a China um país patrifocal, as preces lhe pedem herdeiros homens. São invocadas também T'ai Shan, a “Filha da Montanha Sagrada” e suas acompanhantes: as Senhoras regentes da fecundidade, as que garantem a posteridade, que facilitam o parto e que trazem as crianças, bem como o deus da literatura (para facilitar o aprendizado). São feitas peregrinações para os lugares sacros e levadas imagens de unicórnio e de outras forças benéficas.

Para mudar a sucessão de nascimentos de meninas em uma família dá-se um nome masculino para próxima filha nascida, ou a mãe carrega no seio uma pequena faca dourada para espantar o espírito feminino que possa nela encarnar. Talismãs para facilitar o parto são colados no corpo das grávidas ou queimados e engolidos no chá. Espelhos são usados para afastar demônios e várias superstições e encantamentos são feitos para propiciar o nascimento de filhos homens e afastar os espíritos maléficos. Velas vermelhas são acesas, a água suja retirada da casa para não ofender as divindades, um galo vermelho trazido no quarto da parturiente e sacrificado para apaziguar os maus espíritos. Depois do nascimento a criança é banhada de maneira cerimonial, feito seu mapa astral e lhe são dados vários amuletos e talismãs. Para a proteção durante a infância são feitas cerimônias anuais e indicadas inúmeras ervas e cerimônias para banhos e chás.

Para o casamento em primeiro lugar são feitos arranjos nupciais entre as famílias e um vidente decide se o par é compatível astrologicamente; somente depois é escolhida a melhor data para a cerimônia, sempre na fase crescente da lua. Presentes são trocados entre os noivos escolhendo aqueles que trazem bons augúrios. Os trajes do noivo são purificados passando por cima de fogo e depois nenhuma mulher pode tocá-los; a noiva recebe uma bolsa em forma de lótus para protegê-la da maledicência da sogra; no dia do casamento ela viaja da sua casa até a casa do noivo em uma cadeira fechada com cortinas, para preservar sua virgindade das influências masculinas. Depois de várias cerimônias, o casal se prosterna na frente das tabuinhas inscritas com os nomes dos ancestrais do noivo, homenagem que sela o compromisso, e o casal entra no quarto nupcial, onde a noiva permanece durante um dia. Os parentes e amigos masculinos do noivo podem entrar depois no quarto e fazer várias piadas indecentes, enquanto o comportamento da noiva é observado atentamente pelo noivo e a sua mãe.





Os assuntos ligados à morte, enterro e viagem da alma têm extrema importância para as famílias. O morto é colocado numa cama nova e levado para fora da casa, seu travesseiro queimado e um galo branco preso no estrado. O traje mortuário deve ser formal e elaborado; a família fará várias cerimônias no templo para a alma, que será conduzida para o encontro com várias divindades, às quais são oferecidos presentes. Uma tabuinha com o nome do falecido é colocada no templo ancestral e somente depois é escolhida a data do enterro, pelo vidente e o local, pelo uso da geomancia. As procissões para o enterro são muito elaboradas, visando manter a alma inferior ligada ao corpo e facilitando a viagem da alma superior, a qual serão ofertadas imitações em papel de comida, dinheiro, carro, servidores e concubinas. As cerimônias para garantir o repouso da alma continuam durante anos, cabendo sua responsabilidade ao filho mais velho na condição de sacerdote.

A tradição religiosa da China ao longo dos séculos

Difícilmente pode se traçar um perfil do atual folclore chinês em comparação com o que era feito mil anos atrás. Apesar da permanência prolongada do poder imperial na China, a corte não ditava todas as formas religiosas a serem seguidas no país inteiro. Alternativas à religião dominante foram aparecendo dos resquícios das religiões indígenas - das tradições e do folclore do povo Miao - e dos mitos dos povos vizinhos como turcos, manchus e invasores mongóis. No terceiro século d.C., imigrantes da Índia, Tibet e Afeganistão trouxeram muitos mitos e figuras míticas, poucas femininas, mas realçando e ampliando o culto de Kwan Yin e de outras deusas, algumas tendo sido masculinizadas e originando assim novos mitos. Apesar da concepção patriarcal da monarquia, arquétipos femininos foram preservados e cultuados pelos camponeses nas regiões mais distantes.

O taoísmo surgiu no século 6 a.C. criado por Lao-Tze, mas ao se tornar a religião da China imperial, se expandiu além das suas raízes e seu panteão passou a refletir a organização social com uma hierarquia sistematizada. As ideias de Confúcio (no século V) formaram a base de uma filosofia sofisticada e ética, com poucos mitos por ser abstrata, mas com rituais que celebravam as estações e os ancestrais. Às vezes houve sobreposições aos mitos originais dando margem a interpretações distorcidas ou sendo acopladas às figuras históricas e sobrenaturais (com algumas poderosas rainhas em destaque). As tentativas taoistas em sistematizar as crenças fracassaram devido a contínua criação de novos deuses e lendas e à aceitação de divindades estrangeiras.

Os mitos greco-romanos podem ser estudados melhor porque poucos deles foram preservados. A cosmologia chinesa inclui milhares de divindades do céu, do mundo subterrâneo e das estrelas, inúmeros espíritos e deuses menores chamados Pusas, além de bodhissatvas, animais que mudam a forma, guardiões de plantas, pedras, lugares. É comum usar uma figura histórica inserindo-a numa lenda, distorcendo assim o conteúdo original da mesma.

Mas a principal dificuldade dos estudiosos do folclore chinês é a complexidade das tradições, crenças e práticas ligadas e oriundas de uma cultura em que elas se originaram para preservar, perpetuar e representar as aspirações, dificuldades e medos humanos, valores totalmente diferentes dos conceitos ocidentais. As traduções dos milhares de volumes de dicionários e tratados sobre folclore lidam com a complexidade dos caracteres escritos e a dificuldade em definir ou descrever uma determinada divindade, espírito, fada ou imortal ligados a um determinado texto ou lenda. Por isso, por enquanto, a interpretação e o conhecimento do folclore chinês é parcial e insatisfatório para a pesquisa e a mente ocidental. 🌸🌸🌸

Deusa Viva entrevista

Mirella Faur*



Neste mês de março, mês das mulheres, a escritora Mirella Faur, iniciadora do movimento da espiritualidade feminina em Brasília, lança em Brasília seu novo livro "*Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas*". O livro descreve práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e da espiritualidade feminina e traz as experiências e o amplo conhecimento da autora na formação, condução e manutenção de um círculo vivencial e cerimonial.

Na entrevista abaixo, Mirella Faur fala sobre os círculos femininos e a importância deles para a mulher contemporânea.

Deusa Viva: O livro fala sobre Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas. Como as mulheres da atualidade podem resgatar antigos círculos femininos e que benefícios isso pode trazer para a vida delas?

Mirella Faur: O planeta está passando por profundas mudanças que requerem novas formas de pensar, agir e interagir. As mulheres contemporâneas, ao reativarem os encontros em círculos isentos de hierarquia e dogmas, podem criar um espaço seguro e protegido para se conectarem com as energias, ciclos, forças e elementos naturais, vivenciando os profundos e ancestrais mistérios da espiritualidade feminina.

Deusa Viva: A sua experiência na Chácara Remanso, com as celebrações dos plenilúnios e rituais da Roda do Ano, deixou um legado em Brasília: o círculo de mulheres da Teia de Thea. Você acha que hoje há uma tendência ao surgimento de novos círculos femininos no país e no mundo?

Mirella Faur: Cada vez mais aumenta a formação de círculos de mulheres para partilharem alegrias e dores, dúvidas e conquistas, perdas e superações, para presenciarem e auxiliarem seus ritos de passagem, celebrarem as fases lunares e as transições ao longo da Roda do Ano. Nestes círculos, as mulheres podem aprender e ensinar.

Podem também dançar, bordar, criar e cantar, bem como celebrar, realizar rituais e se curar em uma perfeita parceria, compreensão mútua e solidariedade.

Deusa Viva: O que representa o lançamento deste livro para você e quais são suas expectativas com essa publicação?

Mirella Faur: Ele é o legado teórico, ritualístico e vivencial de toda a minha trajetória espiritual no caminho da Deusa e, principalmente, da minha experiência iniciática e ritualística com grupos femininos. Desta forma, espero que sirva como um guia de orientação e respaldo para que mulheres, sozinhas ou em grupo, possam conhecer e colocar em prática - seguindo as indicações - os Mistérios do Sangue, rituais de dedicação e iniciação espiritual, a conexão com os ciclos e arquétipos lunares, as Faces da Deusa e a Roda do Ano, cerimônias xamânicas e a integração com os ensinamentos das Treze Matriarcas.

Deusa Viva: O que a Teia de Thea representa para você?

Mirella Faur: A Teia é a manifestação visível de Thea (a Deusa) no cerrado brasiliense e a comprovação do crescimento espiritual e da cura feminina, realizadas e vivenciadas em círculo.

*Mirella Faur também é autora dos livros "*O Anuário da Grande Mãe, Rituais práticos para celebrar a Deusa*"; "*O legado da Deusa. Ritos de passagem para mulheres*"; "*Mistérios Nórdicos. Mitos. Runas. Magias. Rituais*"; "*Ragnarök, O Crepúsculo dos Deuses. Uma introdução à mitologia nórdica*", além de diversos artigos em publicações nacionais e estrangeiras.

O lançamento de "*Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas*" será dia 28 de março (quarta-feira), às 19h, na Livraria Cultura do Shopping Iguatemi, no Lago Norte, em Brasília-DF.





Transgênicos e o fim da liberdade de escolha

* Por Helena Maltez

Saí para comprar ração para o meu cão e, surpresa! De repente, da noite para o dia, não encontro mais nenhuma ração sem aquele T amarelo que indica a presença de transgênicos. Nenhuma! Não tenho mais opção. Essa que eles alegam que é nossa. “Quem não quiser transgênico vai poder optar”. Um amigo me enviou um email indignado. Não conseguia mais encontrar milho para cuzcuz que não fosse transgênico! De novo. Não temos mais opção.



O site Campo Vivo celebra a notícia: “Semente transgênica já é maioria também na agricultura familiar”. Oh! Que tragédia! Como celebrar o fato de que os agricultores familiares não têm mais opção? Que estão sendo abduzidos por um modelo de mundo que pretende extingui-los? As empresas dizem que “a semente transgênica é uma das opções dos agricultores”. Mas não dizem que o milho é uma espécie de cruzamento aberto e livre, cujo pólen é dispersado pelo vento.

Muitas espécies de plantas são assim. Desenvolveram, ao longo de milhares de anos, estratégias engenhosas para privilegiar a fecundação entre diferentes indivíduos (cruzada) em detrimento da autofecundação (quando uma planta fecunda a si mesma). Por que elas fizeram isso? Porque a diversidade proporcionada pelo cruzamento entre diferentes indivíduos de uma espécie é que faz a evolução andar, que permite que continuemos nos adaptando às mudanças. Quanto mais ampla a diversidade de uma espécie, maior a probabilidade de haver indivíduos que se adaptam a diferentes situações do ambiente. Diminui, portanto, a probabilidade da espécie se extinguir.

Sempre haverá uma opção, uma combinação genética, um indivíduo que dará conta de continuar vivendo naquele ambiente em mudança. Vejam que entre os animais, o cruzamento entre macho e fêmea é a regra geral. Lembremos que quando uma espécie se extingue, é pra sempre. Não há volta. É uma decisão bem radical essa que a humanidade está tomando quando decide uniformizar dessa maneira absurda as plantas das quais nos alimentamos. Os transgênicos, entre muitas outras coisas das quais posso falar em outros textos, têm como

característica a uniformidade genética. As empresas argumentam que há diversas variedades disponíveis. Quantas (talvez algumas dezenas) comparadas as bilhões de combinações genéticas possíveis nas variedades crioulas que agricultores guerreiros, inteligentes e sagazes vêm cultivando, guardando, cuidando, cruzando, trocando há milhares de anos (estima-se que o milho vem sendo usado por populações humanas há cerca de 7.000 anos).

O milho é, portanto, uma espécie que evoluiu, nos últimos milênios, em um ambiente social e cultural que procurou manter a sua diversidade genética e que selecionou, dentro da grande diversidade disponível, aqueles adaptados às centenas, talvez milhares de usos que dele populações de boa parte do mundo fazem. Porque o milho é uma espécie tão dadivosa que se espalhou por toda parte e se infiltrou em todas as culturas.

Além do milho ser uma espécie de fecundação aberta e livre, seu pólen pode ser levado pelo vento a milhares de quilômetros. Não há, praticamente, barreiras que possam impedir o pólen de uma plantação de milho transgênico contaminar uma lavoura de milho crioulo de um agricultor familiar orgânico, mesmo que essas propriedades estejam a uma distância enorme uma da outra.

As empresas dizem que já existem mais de 30 milhões de hectares de transgênicos plantados em solo brasileiro. Boa parte disso é milho que é plantado de norte a sul, leste a oeste desse nosso país. Deve ser bem difícil achar um agricultor familiar que não tenha algum vizinho que plante transgênicos. Então qual é a liberdade de

escolha que tem esse agricultor familiar se o pólen transgênico que vem do seu vizinho contamina sua lavoura? De vizinho em vizinho, os transgênicos vão se espalhando e contaminando. Deixando o agricultor sem opção. Ele corre, inclusive, o risco de ser processado pelas empresas por uso indevido da sua semente transgênica caso seja encontrado o gene do milho transgênico em sua colheita.

Quando o código genético de uma espécie é contaminado por um gene, esse passa aleatoriamente para os descendentes. Não há como despoluir um código genético como podemos fazer com uma praia na qual foi derramado petróleo (vejam que comparei com algo já bem difícil de recuperar).

Então, esteja consciente de que, quando você compra algo com um T dentro de um triângulo amarelo na embalagem, está financiando esse sistema que impede aos agricultores a liberdade de escolha, a autonomia, a liberdade, a independência. Quando as vendas dos produtos com transgênicos aumentam (afinal, temos cada vez menos opção), as empresas celebram a livre escolha dos consumidores pelos produtos transgênicos. Livre escolha? Então onde posso encontrar uma ração não transgênica para meu cão?

* Helena Maltez é jardineira agroflorestal e mantém o blog www.buniting.blogspot.com. Também recebeu o Prêmio Tuxaua Cultura Viva do Ministério da Cultura.

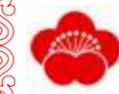
PRÓXIMOS RITUAIS

Equinócio: Celebração do Novo Ano Zodiacal
Data: 20 de março de 2012 às 20h
Usar roupas nas cores verde e/ou dourado. Saia ou vestido para as mulheres.

- Lista de material:
- 1 lista escrita em papel de seda com as suas limitações:
- 1 ovo de pedra;
- 1 vela verde num copo;
- Algo que represente seus projetos para 2012:
- Tambor ou chocalho, se tiver.
- Ritual aberto, também, aos homens ●●

Plenilúnio: Tara, a Deusa estelar hindu
Data: 05 de abril de 2012 às 20h
●● Somente para mulheres ●●

Expediente Jornal Deusa Viva
Coordenação: Nane Silva
Edição, Entrevista e Diagramação:
Cris Madeira, Paula Nunes e Stella Matta Machado
Textos: Mirella Faur, Helena Maltez e Maria Amaziles
Imagens de internet
Informações:
Nane - 96779453 ... Andrea - 34084065
deusaviva@teiadethea.org



Posta-restante por Maria Amaziles

Maria,

Esses são tempos preches de oportunidades para se praticar o aprendizado. No espaço que se esgueira entre o nascer e o por do sol é possível identificar dezenas de chances de se construir o que a sabedoria sussurrou ao teu ouvido. Numas vezes, tua consciência desperta e toca de leve a verdade; noutras, o velho torpor prevalece.

Mantém tua alma alerta quanto aos pretensos interlocutores, que se propõem traduzir o sagrado para a tua vida. Deixa que o alarido passe ao largo do caminho e permaneça com tua mão pousada na minha, pois que sempre falarei direto ao teu coração. E minhas palavras, reverso dos discursos vazios, trarão sempre a clareza da água, a liberdade dos ventos, o brilho das estrelas, a simplicidade da terra.

A simplicidade da terra: eis uma boa companheira na estrada que te conduzirá em direção a mim. Recusa iniciar tua busca na imensidão do Universo, tampouco te imponhas qualquer missão abissal. Começa pelo simples, o fácil de expressar, o ponto inequívoco bem diante de teus olhos. Com o cuidado no preparo como naquela receita favorita de pão, acrescenta sinceridade à sua alegria em me servir, servindo aos seus. Não te proponho qualquer tarefa que seja maior que teu coração e, vê, grandes projetos podem nascer de pequenos gestos, desde que ancorados em tua alma.

Colorindo com o sagrado cada tarefa cotidiana, trilharás o caminho da singeleza, como as flores que pintam as manhãs sem argumentar o tom de azul, como a erva que perfuma o jardim, sem questionar a chuva que cai. E a leveza arrebatará tua vida em passos de valsa, imune a todos os ardis. A simplicidade da terra, filha...

Em profundo amor,
Aquele que é.